

**A comunicação do @faxinaboa no Instagram
e as representações socioculturais das trabalhadoras domésticas no Brasil¹⁸**

**The communication of @faxinaboa on Instagram
and sociocultural representations of domestic workers in Brazil**

Laura Raupp Raulino Machado¹⁹
Laura WOTTRICH²⁰

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar as representações das trabalhadoras domésticas a partir do perfil Faxina Boa no Instagram e o seu papel na desconstrução de estereótipos construídos acerca dessas trabalhadoras no Brasil. Apropriamo-nos do circuito cultural de Johnson (2007) como guia metodológico associado à pesquisa bibliográfica e documental. Nossos resultados demonstram que o @faxinaboa gera representações dissonantes das hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE

Estereótipos; Faxina Boa; Instagram; Representações; Trabalhadoras domésticas.

ABSTRACT

This research aims to analyze the representations of domestic workers from the profile Faxina Boa on Instagram and its role in deconstructing stereotypes built about these workers in Brazil. We appropriated Johnson's cultural circuit (2007) as a methodological guide associated with bibliographic and documentary research. Our results show that the @faxinaboa generates representations dissonant from the hegemonic ones.

KEYWORDS

Stereotypes; Good Housekeeping; Instagram; Representations; Domestic workers.

¹⁸ Este artigo deriva do Trabalho de Conclusão de Curso de mesma autoria, realizado no segundo semestre do ano de 2021, no qual estava vigente o semestre de 2021/1 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tal trabalho, intitulado "Sujeitas com narrativas próprias ou sujeitas a estereótipos?: A comunicação do @faxinaboa no Instagram e as representações socioculturais das trabalhadoras domésticas no Brasil" analisou as representações das trabalhadoras domésticas a partir do perfil @faxinaboa na rede social digital Instagram e está disponível no link: <http://hdl.handle.net/10183/234797>.

¹⁹ Recém-graduada do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: laura_raupp@hotmail.com

²⁰ Orientadora do trabalho. Publicitária, Professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: laura.wottrich@ufrgs.br

INTRODUÇÃO

O Faxina Boa consiste em um perfil criado por Veronica Oliveira – mulher, negra, ex-atendente de telemarketing, ex-faxineira, empreendedora, mãe e que, atualmente, trabalha como criadora de conteúdo²¹. Seu trabalho como faxineira a motivou a criar o perfil do Faxina Boa, a fim de compartilhar suas vivências pessoais e profissionais. O sucesso foi tanto que, a partir do conteúdo gerado nas redes sociais, Veronica deixou faxina para se tornar "inspiradora digital", como ela própria se denomina (OLIVEIRA, 2020).

O perfil @faxinaboa está presente no Facebook, Instagram, Youtube e Twitter, além de ter ligação com o perfil pessoal de Veronica no *LinkedIn*.²² O conteúdo dessas redes sociais é variado conforme a plataforma, com histórias sobre seu dia a dia, problematizações e debates sobre a pauta do trabalho doméstico de forma valorizada.

Para elaborar o trabalho, partimos de várias problematizações com um ponto em comum: todas questionavam como as publicações do Faxina Boa nas redes sociais digitais contrastam e podem mudar a realidade e as representações construídas sobre pessoas que exercem a ocupação. Percebendo o perfil em questão como um possível vetor dessa mudança, demos luz ao problema de pesquisa “Como a comunicação do Faxina Boa no Instagram contribui no processo de desconstrução de estereótipos a respeito da representação sociocultural das trabalhadoras domésticas no Brasil?”.

O objetivo geral da pesquisa consistiu em analisar as representações das trabalhadoras domésticas a partir do Faxina Boa no Instagram e o seu papel na desconstrução de estereótipos construídos acerca dessas trabalhadoras no Brasil.²³ A análise foi realizada no território digital,

²¹ Até ter a faxina como ocupação principal, Veronica trabalhou em call centers, teve dois filhos, foi morar em um cortiço e enfrentou a depressão. Após uma tentativa de suicídio, ela decidiu internar-se em uma clínica psiquiátrica. Depois desse período internada, ela se descobriu como uma excelente faxineira. A partir desse momento, com criatividade, Veronica lançou um anúncio de seus serviços e acabou viralizando nas redes sociais.

²² No *LinkedIn*, o perfil é nomeado como Veronica Oliveira, possui 45.826 seguidores e sua ligação com o Faxina Boa nesta rede social se dá por tê-la como local de trabalho sinalizado na plataforma. O Facebook do Faxina Boa conta com 125.679 curtidas. Já o canal do Faxina Boa no Youtube possui 10,2 mil inscritos e 11 vídeos. O Twitter de Veronica possui 61,8 mil seguidores. O Instagram, por sua vez, é a rede social onde ela é mais atuante: 873 publicações e 310 mil seguidores. Todos os dados foram atualizados em 25 de maio de 2022.

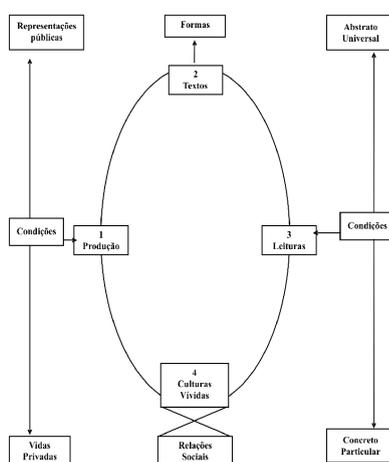
²³ Não iremos, neste artigo, debruçar-nos sobre o trabalho doméstico de forma exaustiva. Para aprofundamento, sugerimos consultar o trabalho disponível no link <http://hdl.handle.net/10183/234797>. No entanto, cabe pontuarmos aqui uma diferenciação importante entre faxineiras e empregadas domésticas, que é relativa ao vínculo empregatício. Faxineira é a prestadora de serviços domésticos de forma descontínua, até duas vezes na semana. Ela não está assistida pelos direitos trabalhistas, pois, para isso, precisaria haver uma prestação contínua de serviço, configurando vínculo

mais precisamente no Instagram @faxinaboa, através de postagens feitas no primeiro trimestre de 2021 – janeiro, fevereiro e março. O conteúdo analisado foram as legendas e as fotos e vídeos²⁴. Antes de adentrarmos na discussão teórica e resultados, apresentamos agora a metodologia, situada nos Estudos Culturais.

PERCURSO METODOLÓGICO À LUZ DO CIRCUITO CULTURAL

Nossa metodologia teve como ponto de partida o circuito cultural de Richard Johnson (2007), explorado a partir da pesquisa bibliográfica e a documental, conforme Gil (2008) e Prodanov e Freitas (2013). Segundo Johnson (2007), o circuito cultural visa "representar o circuito da produção, circulação e consumo de produtos culturais." (p. 33). O diagrama envolve quatro momentos distintos, a saber: produção; texto; leituras; e culturas vividas (JOHNSON, 2007). Apesar de distintos, são integrados, estando postos em relação e dinamicidade nos processos comunicacionais.

Figura 01 – Circuito cultural de Richard Johnson



Fonte: JOHNSON, 2007, p. 35.

empregatício. Este vínculo, por sua vez, é observado nas empregadas domésticas, categoria que é definida por prestação contínua de serviços, ou seja, com a frequência de mais de duas vezes na semana (HEINEN; OLIVEIRA, 2017).

²⁴ A escolha do Instagram se pautou no volume maior de seguidores que o perfil do Faxina Boa possui nesta rede social em relação às demais. Além de ser a rede social onde mais acompanhamos as postagens, observa-se uma maior gama de assuntos nessa rede social, apreendendo tanto assuntos do dia a dia de Veronica quanto pautas mais sérias sobre direitos trabalhistas e pautas como racismo e feminismo. Quando o trabalho que inspirou este artigo foi feito, a quantidade de postagens sobre trabalho doméstico era maior no período escolhido em relação aos demais meses e o ano de 2021 era o período mais recente.

Sugeridos por Johnson (2007), os estudos da produção e do texto foram os escolhidos para orientar nossa metodologia. Tendo em vista nosso problema e objetivo de pesquisa, fizemos a seguinte apropriação do circuito: dentro dos estudos da produção, realizamos a discussão teórica sobre o trabalho doméstico no Brasil, acionando tanto a pesquisa documental quanto a bibliográfica. Dentro dos estudos do texto, realizamos a identificação de estereótipos sobre as trabalhadoras domésticas, definimos as representações geradas pelo Faxina Boa e estabelecemos relações entre ambas. Nesse momento do texto, a análise documental e bibliográfica também se fez necessária.

A partir do discernimento acerca da metodologia, partimos agora para o panorama teórico sobre o trabalho doméstico, envolvendo a interseccionalidade como conceito-chave para entender os atravessamentos de gênero, raça e classe na ocupação.

TRABALHO DOMÉSTICO E INTERSECCIONALIDADE: A OCUPAÇÃO E OS IMBRICAMENTOS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Compreender o conceito de interseccionalidade é essencial neste trabalho, pois tal termo vê os eixos sociais como gênero, raça e classe – essenciais na pauta do trabalho doméstico – interligados, ou seja, interseccionados. Não podemos pensar em nenhum desses atravessamentos em relação a qualquer temática de forma isolada. Por isso, baseando-nos na pioneira a cunhar o termo, Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), entendemos interseccionalidade como sendo

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

O trabalho doméstico está historicamente atravessado por três eixos sociais: raça, gênero e classe. Trata-se de uma ocupação “feminina/feminizada, composta majoritariamente por indivíduos de ascendência africana pertencente às camadas mais pobres da população que

frequentemente se deslocam dos lugares de origem rumo às metrópoles mais promissoras em termos de possibilidades profissionais.” (MENDONÇA; JORDÃO, 2008, p. 5). A desvalorização da ocupação advém, principalmente, do fato de ser uma ocupação historicamente feminina e, sendo assim, tem valor menor no mercado das trocas simbólicas (MENDONÇA; JORDÃO, 2008).

Nesse sentido, Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) trazem uma dimensão muito importante: a divisão sexual do trabalho. Assim sendo, o trabalho social é dividido com base nas relações de gênero em nossa sociedade. Nessa configuração, as mulheres são designadas à esfera reprodutiva e funções de menor valor social (HIRATA; KERGOAT, 2007).

No caso das trabalhadoras domésticas, sua ocupação foi fundamentada na sociedade patriarcal e escravocrata do século XVI, podendo-se observar a continuidade da exploração nas relações de trabalho doméstico até a atualidade (GONÇALVES, 2015). Para Dora Porto (2006 *apud* JORDÃO, 2011), a escravidão marcou o imaginário da sociedade brasileira em relação ao trabalho doméstico no que tange ao recorte étnico-racial e de classe das trabalhadoras destinadas a cumpri-las.

Entender a hierarquia de classes também se faz fundamental. Odair Furtado, Mônica Carvalho e Winnie Santos (2020) pontuam a transferência do trabalho doméstico, partindo das mulheres brancas, de classe social mais abastada, para as mulheres negras e periféricas. Nesse caso, tal atribuição segue sendo vista como responsabilidade das mulheres, porém algumas têm condições de transferi-la para outras.

Complementar à análise interseccional sobre o trabalho doméstico, é preciso refletir como essa ocupação e essas trabalhadoras são vistas social e culturalmente. Isso é possível através do estudo das representações, debate que propomos a seguir.

REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO BRASIL: DA MÍDIA MASSIVA À MÍDIA DIGITAL

O fenômeno das representações dá conta de instaurar sentidos e determinar formas de organização no mundo. Estudá-lo nos permite análises, contestações e questionamentos. Neste trabalho, discutimos sobre representação social e cultural.

Para Serge Moscovici (2007), as representações sociais podem ser definidas como um conjunto de valores, práticas e ideias, com função de estabelecer uma ordem que possibilita ao indivíduo se orientar e controlar o mundo material, bem como tornar a comunicação possível entre membros da sociedade, através da familiarização com os objetos. Relacionado aos Estudos Culturais, Stuart Hall diz que a representação é “a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem.” (HALL, 2016, p. 34). Nós damos sentido às coisas à medida que as representamos.

Para entendermos a construção de representações dominantes acerca de trabalhadoras domésticas é essencial conceituar também a estereotipagem. Hall (2016, p. 191) a define como uma prática representacional, que "reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença".

A mídia brasileira, por sua vez, contribui para a repetição e fortalecimento de estereótipos que desvalorizam as trabalhadoras domésticas (JORDÃO, 2011). As telenovelas brasileiras vêm perpetuando a relação de algumas características da escravidão com a ocupação dessas trabalhadoras. A fim de subsidiar a construção da nossa análise em relação ao objeto empírico, pontuamos algumas representações da ficção televisiva a partir de determinados estudos²⁵, para entendermos como as representações dessas trabalhadoras na mídia funcionam.

Renata Macedo (2016) discute alguns estereótipos identificados sobre as trabalhadoras domésticas em telenovelas. Referem-se à sexualização das trabalhadoras; sua invisibilidade na trama e a tentativa de ascender socialmente, muitas vezes fracassada, por meio de relações com personagens da família empregadora.

A partir de 'As Empreguetes', núcleo principal da trama da telenovela 'Cheias de Charme' (2012), da Rede Globo, elencamos também o estereótipo 'êxodo do trabalho doméstico como sinônimo de ascensão'. Uma vez que elas não prosperaram através do trabalho doméstico, mas sim como cantoras, a ocupação em si é desvalorizada, sendo mostrada como não capaz de mudar a vida das personagens.

Roncador (2015) nos traz dois estereótipos identificados por ela em seus estudos: o da 'empregada incompetente e preguiçosa', no qual as trabalhadoras domésticas foram vistas como ameaça à moralidade e à segurança da família e o da 'mãe preta', que atenua opressões escravistas

²⁵ Cabe ressaltar que não é uma discussão exaustiva.

e diz respeito ao cuidado maternal e devoção incondicional à família empregadora (GONZALEZ, 1984).

Problematizando, portanto, a redução das trabalhadoras a tais características, ou seja, a prática da estereotipagem em relação a essa ocupação, identificamos, no diálogo com a literatura, cinco representações dominantes: a) mãe preta, b) sexualizada, c) incompetente e preguiçosa, d) ascensão como sinônimo de êxodo do trabalho doméstico e e) coadjuvante.

Diante desse cenário, seria possível contestar ou modificar esses estereótipos? Hall (1997) propõe a transcodificação como um caminho possível para fugir das representações dominantes. Partindo da premissa que uma representação nunca se finda em um único significado e este nunca pode ser fixado totalmente à determinada representação, podemos ressignificar e reapropriar os sentidos das representações (HALL, 1997).

Aliado a isso, entendemos que a capilaridade, interatividade e co-criação presente nas mídias digitais e redes sociais digitais possibilitam a desconstrução de certos estereótipos. O Faxina Boa está inserido no contexto da internet. A partir de agora, vamos analisá-lo em relação a representações dominantes das trabalhadoras domésticas da mídia massiva.

PASSANDO A LIMPO: O FAXINA BOA E AS REPRESENTAÇÕES²⁶

Identificamos 63 postagens feitas no primeiro trimestre de 2021 pelo perfil Faxina Boa. Dividimos em duas categorias: pessoal e profissional e dentro de cada uma, estabelecemos subcategorias. Na categoria pessoal, temos um total de 34 postagens divididas entre: a) maternidade e gestação, com conteúdos sobre sua gravidez e seus filhos; b) autismo do seu filho Ian; c) cotidiano e vida pessoal, no qual entram conteúdos da Veronica enquanto pessoa, com temáticas de autocuidado e seu dia a dia e d) posicionamento social, com uma postagem que refere-se à uma temática do Big Brother Brasil.

Na categoria profissional, encontram-se 29 postagens das seguintes temáticas: a) trabalho doméstico; b) empreendedorismo; c) empoderamento, no que tange a seu livro, palestras

²⁶ Neste artigo, damos enfoque à parte mais reflexiva e crítica da análise, articulando os textos – postagens – com o contexto, a partir do referencial teórico e das representações dominantes pesquisadas. Ademais, nosso enfoque, dentro da categoria profissional, é para o trabalho doméstico. A parte descritiva e análise completa dos posts do @faxinaboa pode ser consultada na íntegra através do link: <http://hdl.handle.net/10183/234797>.

e entrevistas e d) educação e ensino, com três publicações de uma parceria paga com uma faculdade.

Partindo da premissa da transcodificação (HALL, 1997), produzida na contestação de estereótipos hegemônicos e à luz dos momentos do texto e das leituras segundo o circuito cultural, adentramos agora na análise do Faxina Boa no Instagram, tendo em vista as representações dominantes identificadas anteriormente.

A partir da análise das postagens da categoria pessoal, podemos refletir que Veronica contrasta com o estereótipo da invisibilidade, da trabalhadora doméstica coadjuvante e mãe preta. Através do perfil do Faxina Boa no Instagram, sua criadora compartilha momentos que compõem sua subjetividade e corroboram em seu protagonismo e visibilidade nas redes sociais digitais. Enquanto protagonista de sua narrativa, Veronica registra cuidados maternos com seus próprios filhos, ao invés de cuidar dos filhos de empregadores. Assim, a sua postura de mãe revela que a trabalhadora doméstica também tem seus próprios filhos para olhar, cuidar e amar.

Portanto, novas representações são criadas, envolvendo protagonismo e narrativas pessoais múltiplas e complexas – maternidade, autismo do filho, desabafos e reflexões – que reverberam, de algum modo, no trabalho doméstico, pois o perfil é associado à ocupação de faxineira. Reitera-se a relevância da apresentação da subjetividade de Veronica, também, no fato de que as publicações sobre trabalho doméstico, no período analisado, são em menor número – 18 – comparadas às da categoria pessoal – 34 no total.

Olhando para a categoria profissional, percebemos que o trabalho doméstico no Instagram do Faxina Boa contrapõe a representação dominante de que para se ter ascensão social é preciso sair dessa ocupação. Veronica, pelo contrário, adquiriu reconhecimento nas redes sociais digitais graças a este trabalho e à forma de divulgá-lo. Ainda que, por fim, tenha saído desta ocupação e atualmente trabalhe apenas com produção de conteúdo, este êxodo não se deu por desvalorização da ocupação.

Uma das postagens da subcategoria do trabalho doméstico ilustra o estereótipo da invisibilidade, subalternidade e coadjuvância das trabalhadoras domésticas. A foto é de um par de tênis rasgados e a legenda conta um momento em que Veronica recebeu um par semelhante àquele. Os tênis não estavam em condições de uso. Ao fim da legenda, a criadora do Faxina Boa

traz uma reflexão de que “[...] nos colocar nesse lugar de não pertencimento vai fazendo com que a gente se sinta culpada por nossos feitos, nossas conquistas”²⁷.

Figura 02 – Publicação de reflexão sobre ganhar coisas usadas



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Outras discussões abordadas nesta subcategoria dizem respeito ao desamparo legal em relação às faxineiras, à sobrecarga feminina e dupla jornada de trabalho, além da desvalorização do trabalho doméstico. Observamos também postagens em tom de humor evidenciando e valorizando especificidades e competências relativas à ocupação do trabalho doméstico. Apesar do ideário neoliberal e capitalista afirmar que pessoas que realizam trabalho doméstico são indivíduos 'sem talento' e recorrem à ocupação porque não conseguem se vincular a um mercado competitivo (FURTADO; CARVALHO; SANTOS, 2020), temos, no Faxina Boa, uma contestação a esse preconceito. É um trabalho que possui riscos, exige habilidades nas tarefas e possui particularidades que precisam ser valorizadas.

Em suma, as publicações da categoria profissional conferem ao Faxina Boa um poder de influência relevante na rede social Instagram e geram uma representação distinta para as trabalhadoras domésticas. Uma vez que essa categoria ramifica-se em trabalho doméstico, empreendedorismo, empoderamento e educação e ensino, são múltiplas as possibilidades de novas representações socioculturais em relação ao trabalho doméstico.

Considerando atravessamentos de raça, gênero e classe, podemos refletir que o perfil colabora na produção de novas representações do trabalho doméstico. Ao analisar as postagens a

²⁷ Veronica Oliveira. In: Instagram Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKZC1C5n52R/>. Acesso em: 29 set. 2021.

partir do recorte estabelecido, chegamos a quatro: a) ascensão a partir do trabalho doméstico; b) valorização da ocupação; c) protagonista e d) narrativas pessoais múltiplas.

Figura 03 – Representações geradas pelo Faxina Boa



Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

A partir de suas publicações, observamos uma ascensão a partir dessa ocupação. Essa representação, contrapõe o 'êxodo como sinônimo de ascensão' e promove um novo olhar sobre o trabalho doméstico. Através da ocupação e de seus serviços como faxineira, Veronica ganhou notoriedade e foi reconhecida. Por isso temos também a valorização do trabalho doméstico, pela forma como a criadora do Faxina Boa trata a ocupação e como divulgou seu serviço.

Não podemos ignorar o volume de publicações da categoria pessoal ultrapassar a quantidade de postagens sobre trabalho doméstico. Dessa forma, além de gerar representações que dizem respeito, diretamente, à ocupação, o Faxina Boa também traz as narrativas pessoais como parte importante do perfil. Assim, apresenta-se uma nova representação a respeito do protagonismo de Veronica em sua própria história, contrastando com o estereótipo de coadjuvante.

Retomando, então, a transcodificação e considerando os eixos interseccionais, entendemos que o perfil analisado ressignifica e complexifica as vivências enquanto mulher – eixo de gênero –, negra – raça – e moradora da periferia, que, embora não ateste condições econômicas baixas, no caso de Veronica atualmente, simboliza uma categorização social. Através do Faxina Boa, sua criadora expressa orgulho de ter sido faxineira, orgulho de ser negra e de morar na periferia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto nosso problema quanto o objetivo de pesquisa foram contemplados na análise. O Faxina Boa contribui, portanto, no processo de mudança das representações do trabalho doméstico, gerando representações contrastantes às dominantes.

Considerando conceitos trazidos aqui, como representações, estereotipagem e divisão sexual do trabalho, entendemos como é importante o alcance cada vez maior do Faxina Boa, visando mais notoriedade nas redes sociais digitais. Afinal, através da capilaridade destas, o perfil pode contribuir com a gradativa transformação de representações, contestação a estereótipos e importantes reflexões sobre divisão do trabalho e papéis de gênero na sociedade.

Sendo assim, ainda que as trabalhadoras domésticas sigam sendo um grupo subalternizado socialmente e representado de forma estereotipada em alguns produtos midiáticos, vislumbramos uma possibilidade de mudança nos sistemas de representação desse grupo através do ambiente digital. Consideramos este como um meio propício para mudanças graduais e significativas, que podem reverberar na sociedade e na cultura e, aos poucos, transformá-las.

REFERÊNCIAS

- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan./jun. 2002.
- FURTADO, Odair; CARVALHO, Mônica Gurjão; SANTOS, Winnie Nascimento dos. Quase da família: perspectivas interseccionais do emprego doméstico. **Revista psicologia política**, São Paulo, v. 20, n. 48, p. 355-369, ago. 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONÇALVES, Marco Antonio. Doméstica: uma etnografia indiscreta. In: GUIMARÃES, V. (org.). **Doméstica: coletânea de textos + filme**. Recife: Desvia Produções, 2015. p. 68-77.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HALL, Stuart. **Representation: Cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997.
- HEINEN, Luana Renostro; OLIVEIRA, Marina Barcelos de. A regulamentação do trabalho doméstico no Brasil. In: BAGGENSTOSS, Grazielly Alessandra (org). **Direito das mulheres**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017. p. 159-174.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? *In*: ESCOSTEGUY, Ana Carolina *et al.* (Orgs.). **O que é, afinal, estudos culturais**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2007. p. 9-132.

JORDÃO, Janaína Vieira de Paula. Trabalhadoras domésticas: representação midiática e identidade. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 99-108, out. 2011.

MACEDO, Renata Mourão. Espelho mágico: produção e recepção de imagens de empregadas domésticas em uma telenovela brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 48, p. 183-211, nov. 2016.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de; JORDÃO, Janaína Vieira de Paula. Domésticas no cinema: identidade e representação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2008.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Veronica. Veronica Oliveira: A elite brasileira precisa de uma faxina. [Entrevista cedida a] Carolina Delboni. **TPM**, São Paulo, out. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

RONCADOR, Sônia. Um legado colonial oneroso: A servidão doméstica na cultura e na literatura brasileiras. *In*: GUIMARÃES, Victor. **Doméstica**: coletânea de textos + filme. Recife: Desvia, 2015. p. 94-103.